

Homenagem aos 100 anos de emancipação de Campo do Brito (1912-2012)
Baseado na obra de Dr. José Marcionílio Rocha, OAB/DF nº 1985 e OAB/SE nº 68-A.

Foi com extrema felicidade que recebi e li artigo escrito por Dr. José Marcionílio da Rocha sobre a emancipação política de nossa terra natal. Advogado culto e altruísta, proporcionou-me conhecer um pouco da história desse município que o mesmo intitula “Cidade Jardim do Agreste”. Outrossim, tocame particularmente, visto que o herói maior desta vitória foi um ancestral meu.

Relata o articulista que tudo começou quando “uma estrela que se apagou em 25 de outubro de 1929, contudo, jamais deixou de brilhar” pisou o solo deste município. Estava falando do Padre Francisco FREIRE de Menezes, nascido em 14 de julho de 1863, no engenho Maxixe, de propriedade de sua família. A Fazenda ficava nos baixios do rio Piauí, na época município de Estância, hoje Riachão do Dantas – Se.

Seus pais eram José Freire de Menezes e Maria Madalena Freire, família abastarda desde seus antepassados. Naquele tempo era o imenso prazer para as famílias, oferecerem um de seus filhos ao serviço sacerdotal, ou seja, seguir os passos do maior homem que já viveu e ressuscitou: JESUS CRISTO. Não foi diferente com a família FREIRE. O jovem Francisco Freire de Menezes foi logo influenciado para a missão religiosa, sendo matriculado no Liceu Lagartense, dirigido pelo Padre José Alves Pitangueira.

Dos 08 a 12 anos concluiu seu curso preparatório e, em seguida, sob recomendação do Padre José Saraiva Salomão foi encaminhado ao Bispo de Salvador – Ba, Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo. Em 1887, ordenou-se sacerdote. Oportunidade que celebrou sua primeira missa na Matriz de Riachão do Dantas, diante dos olhos orgulhosos de seus familiares e de toda comunidade. Esse foi o primeiro e último ato litúrgico praticado em sua terra natal.

Por essas coincidências do destino, por vontade de Deus, a sorte sorriu para a região de Campo do Brito, Macambira, Pedra Mole, Pinhão e São Domingos. A paróquia estava sem assistência religiosa, em decorrência da morte do Padre Manoel Felício de Miranda Lima e para suprir a necessidade do Povo de Campo do Brito, o Bispo Dom Antônio de Macêdo Costa nomeou o Padre FREIRE como Titular da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Hora.

Precisamente, com apenas 24 anos, o Reverendo se desloca com alguns familiares para Campo do Brito, molhando seus pés nas águas baixas do rio Vaza-barris. Tratava-se de moço robusto, bonito, forte físico e mentalmente. Nunca olvidou de sua inteligência, de sua vocação sacerdotal e de seu espírito progressista.

De logo, começou a estudar a região, vislumbrando suas necessidades. Levou em consideração a colonização holandesa, a passagem dos jesuítas e a ocupação da região por força das sesmarias. No caso em epígrafe, a família de Porfírio Romão de Brito, que por muito tempo criou gado bovino no campo vasto, para depois deixá-la para seus descendentes. Esta, certamente, deve ser a origem do nome CAMPO DO BRITO. Nestas terras tinha uma capela de devotas (parturientes) de Nossa Senhora da Boa Hora, onde se situam hoje os povoados Brito Velho e Poço Comprido. Outro desbravador ilustre foi Pedro Lomba, que ocupou extensa área de terras nas vizinhanças, dando nome do rio Lomba.

CAMPO DO BRITO, Distante 64 km da Capital, área de 202 km², 28 povoados, população acima de 16 mil habitantes, é socioeconomicamente desenvolvido: Destaca-se a Agropecuária, com criação de gado de corte e bacia leiteira de médio porte, promovedor do cultivo da mandioca, inclusive certa época se

destacou pela qualidade e quantidade de sua farinha, exportado semanalmente, em grande escala, para Salvador-Ba.

No Comércio é organizado e na Indústria tem destaque considerável por todo o Estado, pois já se fez os melhores móveis (marcenarias), e tem também o artesanato. Seu povo é muito civilizado, culturalmente, desenvolveu a música por meio da Banda Filarmônica Nossa Senhora da Boa Hora, criada pelo Padre FREIRE e revitalizada, em 15 de novembro de 1980; banda de pífano, rico folclore com reisado e bumba-meu-boi, São Gonçalo, etc. São os habitantes que fazem um CAMPO DO BRITO bonito, com suas casas bem construídas, revelam-se os verdadeiros administradores da cidade.

Um município que tenha seus poderes respeitados constitucionalmente; tenha suas autoridades constituídas, e até mesmo o homem do campo, tudo que come, veste e utiliza seja fruto de sua força de trabalho, só pode ser feliz. Que seus munícipes venham auferir o quantum (dinheiro) pelo que realmente obtiveram, nunca por enriquecimento corruptível, público ou privado. Isto não é só contrariar os ensinamentos bíblicos, mas também magoar, machucar, denegrir a própria estima e a convivência entre os próprios irmãos, perante a terra e o céu. Sobretudo, porque nunca se constatou que um campo-britense se afogou no seu próprio suor.

MACAMBIRA, emancipada pela lei estadual emancipadora nº 525/A, de 23 de novembro de 1953. Distante da Capital 74 km, área de 137 km², 13 povoados, população acima de 6 mil habitantes. Nome originário do tupi-guarani makambira, planta encontrada nas regiões mais quentes, era tão abundante que veio a denominar o município. A economia se baseia no gado de corte, que tem grande relevância porque sua carne é de boa qualidade; tem agricultura e potencial turístico, pela existência de bela cachoeira, necessitando, ainda, de infraestrutura.

PEDRA MOLE, emancipada pela lei estadual emancipadora nº 1.231, de 21 de novembro de 1963. Distante da Capital 65 km, área de 82 km², 05 povoados, população acima de 3 mil habitantes. Predominância na agropecuária e o reconhecimento jamais esquecido de sua pedra apropriada para a cal, que tanto contribuiu para mais da metade de todas as construções civis, públicas, filantrópicas e religiosas do Estado durante os séculos XVIII, XIX e começo do século XX. PINHÃO, emancipada pela lei estadual emancipadora nº 525/A, de 25 de novembro de 1953. Distante 98 km da capital, área de 156 km², 12 povoados, população acima de 6 mil habitantes, destaca-se peça criação de gado de corte. Quando sua área é bem suprida pela chuva, a terra se torna celeiro do Estado para engorda dos bovinos. Não esquecendo a força do catingueiro empreende também suas forças nos derivados do leite e na agricultura.

SÃO DOMINGOS, emancipada pela lei estadual emancipadora nº 1.213, de 21 de outubro de 1963. Distante 76 km da Capital, área de 102 km², 13 povoados, população acima de 10 mil habitantes. Primeiro se chamou Pindoba, devido às casas construídas e cobertas por pindobas do dicurizeiro (*Syagrus coronata*), fruto de vários nomes populares, ouricuri, licuri, dicuri, etc. Depois e chamou Feira Nova até sua emancipação, em homenagem a seu padroeiro São Domingos de Romão. Tem relevância econômica na agricultura, com mais de 300 casas de farinha de mandioca, destaca-se também pelo cultivo do feijão, milho e fruticultura, sem deixar de lembrar sua pujança comercial, educacional e esportiva.

O Padre FREIRE somente utilizando seus olhos e seu cérebro genial, visualizou a serra da Miaba, serra de Macambira, serra dos Montes (serra de São José) e a serra de Itabaiana e traçou cartograficamente a região. Esse foi o embrião da emancipação.

Em seu mapeamento, o Padre atingiu a RIBEIRA, onde estava inserida a maior fazenda do Estado, a Santo Antônio, e os Poções, reserva hídrica potável de maior quantidade, fazendo assim divisa com Itaporanga d'Ajuda. Logo após a emancipação a Ribeira voltou ao domínio territorial de Itabaiana. Para se ter uma ideia da dimensão da pretensão emancipadora, o Padre FREIRE criou um município que ia

do rio Vaza-barris em Itaporanga até o rio Real, na Bahia, atual Pinhão. Retirou de Itabaiana mais e 600 Km², hoje dariam 02 (duas) Itabaianas.

As circunstâncias e as pessoas envolvidas criaram o ambiente propício para emancipação. Procurado em campanha política pelo candidato a Presidente da Província de Sergipe, General José Siqueira de Menezes, em 1910, o Padre FREIRE de forma objetiva disse: – General terá a votação da região diante do compromisso de quando eleito emancipar Campo do Brito. Eleito o General, as visitas foram constantes ao Palácio Olímpio Campos na capital do Estado de Sergipe, Aracaju. As viagens se deram através de lombo de animais até Laranjeiras e daqui por via ferroviária até Aracaju. Diante dos argumentos e dos compromissos, o General chegou a dizer que nem tudo que é prometido é cumprido, vez que o Padre estaria tirando uma grande fatia da área de Itabaiana. Conseqüentemente, ira confrontar com os interesses dos seus deputados provinciais. No entanto, o Padre FREIRE, com a presença da esposa do General, fez argumentos no dia 28 de outubro, no que teve decisivo apoio da mesma junto ao General, este não teve alternativa, senão acatar as pretensões do Pároco, vez que este já havia articulado com os Deputados Provinciais Emeliano José Ribeiro (Campo do Brito e região) e Possidônio (Itabaiana).

Desta forma, em 29 de outubro de 1912, o projeto foi levado à votação, provado e a lei foi sancionada, sendo publicada em no dia 30. O padre FREIRE teve palavra e se achava que não tinha estatura pequena de sua imensa luta de receber um não. Vez que, quando foi procurado pelo General em Campanha, se comprometeu a lhe dar uma votação expressiva, o que ocorreu. Um LÍDER na essência da palavra, reconhecido pelos habitantes da região com condutor de suas pretensões.

Padre FREIRE desde que chegou, em 1891, foi e é, in memoriam, um VERDADEIRO CAMPO-BRITENSE. Torna-se quase impossível enumerar suas lutas e realizações. Muito mais antes de sua emancipação do que como sendo seu primeiro Prefeito. Não e deve aqui mencionar as intempéries e tristezas que posteriormente sofreu, diante de tudo e de todos, mas nunca deixou de chamar Campo do Brito: “Minha Terra Gloriosa”. Deixou um legado indescritível pela grandiosidade, pela capacidade de pesquisador, pelos estudos, pelo que escreveu e falou, constitui-se sem falsa modéstia, fazendo com profundidade um estudo, sua vida é motivo de tese, mestrado e doutorado para quaisquer Universidades. Frise-se que o orgulho não é só dos Campo-britenses. Como ele mesmo disse, a maior intenção do Dr. Marcionílio Rocha, do pouco que foi escrito é para, simplesmente não, grandiosamente sim, fazer uma HOMENAGEM LÍDIMA ao Padre Francisco FREIRE de Menezes, no dia em que não só CAMPO DO BRITO, mas também uma REGIÃO foi desmembrada da área territorial de Itabaiana.

O Padre FREIRE é uma HISTÓRIA VIVA, diante de tudo que fez e inspirou a poucas pessoas de boa vontade idealizar e realizar. Seu corpo encontra-se sepultado há 01 (um) metro do altar da Igreja Nossa senhora da Boa Hora, desde 14 de julho de 1929, aos 66 anos. Um morto mais lembrado do que milhares de fantasiosos vivos e esquecidos: “UMA CHAMA ACESA, UMA ESTELA QUE NUNCA SE APAGOU E NUNCA DEIXARÁ DE BRILHAR”.

Como ensinamento da vida do Padre FREIRE, vislumbra-se que sempre enalteceu a vida no dia-a-dia, achando que a vida precisava de: humildade sem submissão; solidariedade; energia; sensibilidade; respeito; sonhos; solidez; cultura em todos os segmentos; diversões que alimentam o corpo e a alma; sinceridade; transparência; responsabilidade e boa vontade com tudo e com todos. Deixou ainda como legado, a renovação comportamental, saudável e progressista; civismo e gratidão recíproca. E, por fim, que a vida precisava de FÉ, e isto é que se está precisando ter. Por dominar o latim, sabia que os romanos diziam: “O benefício é a véspera da ingratidão”. Padre FREIRE foi além e deixou dito: “É regra geral a existência de ingratos que longe de serem a luz que ofusca, servem tão somente para pôr em evidência a sua própria nulidade”. Parabéns CAMPO DO BRITO – SE, região do centro-oeste (agreste) e, em duplicidade, PARABÉNS

PADRE FREIRE pelos 100 anos da emancipação idealizada e concretizada por vossa reverendíssima.
Campo do Brito, segunda-feira, 29 de outubro de 2012.

*José Djalma Freire

*Sobrinho-Bisneto do Padre Freire. O Padre era irmão da mãe de seu avô e da mãe de sua avó maternos (casaram-se primos carnais).